

ESCRITA DO SI, ESCRITA DO OUTRO:

jornalismo literário como parâmetro teórico para gêneros biográficos

Copyright © 2018
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

ROGÉRIO PEREIRA BORGES

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia – Goiás (GO), Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0173-8926>

DOI: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1123

RESUMO – Este texto propõe uma abordagem teórica dos gêneros biográficos a partir do campo do jornalismo literário, tendo em perspectivas as possibilidades discursivas envolvidas nessa construção narrativa. A escrita de si e a escrita do outro transitam por fronteiras do discurso em que o jornalismo literário, tal como tem sido concebido na contemporaneidade, também se movimenta. Para aprimorar este debate, trazemos os conhecimentos de teorias da narrativa e da nova história, em que há uma intensa discussão acerca do trabalho que une dados objetivos da realidade e a capacidade de elaborar um discurso que se aprofunda em subjetividades. Nosso argumento central é o de que o jornalismo literário, quando articulado com os textos biográficos, pode contribuir para a teorização e produção de trabalhos desses gêneros.

Palavras chave: Jornalismo literário. Gêneros biográficos. História. Narrativa. Discurso.

WRITING ON SEFL, WRITING ON THE OTHER: literary journalism as theoretical parameter for the biographical genres

ABSTRACT – This text proposes a theoretical approach of the biographical genres from the field of Literary Journalism, having in perspective the discursive possibilities involved in this narrative construction. The “writing of oneself” and the “writing of the other” pass through frontiers of discourse in which Literary Journalism, as it has been conceived in the contemporary world, also moves. To improve this debate, we bring the knowledge of Narrative and New History theories, in which there is an intense discussion about the work that unites objective data of reality and the capacity to elaborate a discourse that deepens in subjectivities. Our central argument is that Literary Journalism, when articulated with biographical texts, can contribute to the theorizing and production of works of these genres.

Key words: Literary journalism. Biographical genres. History. Narrative. Speech.

**ESCRITA DEL SI, ESCRITA DEL OTRO:
periodismo literario como parámetro teórico para géneros biográficos**

RESUMEN – Este texto propone un abordaje teórico de los géneros biográficos a partir del campo del periodismo literario, teniendo en perspectiva las posibilidades discursivas involucradas en esa construcción narrativa. La “escritura de sí” y la “escritura del otro” transitan por fronteras del discurso en que el periodismo literario, tal como ha sido concebido en la contemporaneidad, también se mueve. Para perfeccionar este debate, traemos los conocimientos de teorías de la narrativa y de la nueva historia, en que hay una intensa discusión acerca del trabajo que une datos objetivos de la realidad y la capacidad de elaborar un discurso que se profundiza en subjetividades. Nuestro argumento central es que el periodismo literario, cuando se articula con los textos biográficos, puede contribuir a la teorización y producción de trabajos de esos géneros.

Palabras clave: Periodismo literario. Géneros biográficos. Historia. Narrativa. Discurso.

1. Introdução

A tarefa de escrever a biografia de uma pessoa ou revisitar suas próprias vivências, enfim, contar uma vida que teve, em diferentes graus, repercussões e desdobramentos em seu tempo, traz inúmeros obstáculos. É necessário encontrar fontes confiáveis, colher depoimentos que sejam os mais precisos possíveis, checar lembranças, refazer trajetórias, investigar detalhes, farejar os rastros que, não raramente, há muito foram encobertos. A tarefa, já bastante árdua no levantamento de dados, ganha contornos ainda mais complexos quando é o momento de construir uma narrativa em torno das informações reunidas. Assim, entram em cena elementos que transitam pelo campo do estético, que ultrapassam a condição de mero relato. É preciso atentar para o que se deseja como resultado, para o enredo que a vida sob enfoque pode arquitetar, para os contornos que as dimensões humanas envolvidas oferecem. Nesse momento, o trabalho jornalístico, a investigação histórica, as técnicas de entrevista empregadas para chegar a revelações e desenterrar memórias encontram-se com a elaboração de uma narrativa que pode avizinhar-se da literatura.

Quando pensamos nas possíveis conexões entre biografias e autobiografias e o jornalismo literário, o processo de elaboração de tais obras ganha facetas que se distanciam de um texto burocrático. A reconstrução – agora em uma narrativa – da vida de um indivíduo dá-se em muitas dimensões, aprofundando aspectos e formulando sentidos. Isso demanda uma visão que fuja do simplismo. Utilizar técnicas narrativas próprias da literatura, unindo-as a uma apuração jornalística ainda mais detida, alcançando especificidades e detalhes geralmente ignorados, estabelecendo relações de causas e efeitos, conectando pessoas aparentemente distanciadas, interpretando entrevistas, documentos e memórias compõem um método complexo.

Esse é o ponto central do presente artigo. Em nossa concepção, os estudos das biografias e autobiografias têm possibilidades de se ampliar e se consolidar se forem realizados em estreito diálogo com as reflexões acerca do jornalismo literário e sua fortuna crítica. Nesse sentido, a proposta aqui explanada é a de incluir teorias da narrativa e do discurso que estabeleçam contatos com as investigações e os comentários realizados em torno de outros gêneros que também promovem encontros entre o mundo objetivo – a realidade dos fatos – e sua reconstrução por meio de um texto. A história, sobretudo as abordagens que a levam para um debate menos enrijecido do ponto de vista do relato e da própria condição historiográfica – o que inclui o papel de quem escreve –, é um desses espaços em que tais confluências podem reverberar. O lugar ocupado por quem narra e por quem recorda os fatos transformados em discurso nos gêneros biográficos – nas autobiografias, esses papéis se fundem – é outro ponto a ser contemplado, o que nos leva a nova associação possível com o jornalismo literário, dadas as discussões que nele se empreendem acerca da objetividade do relato.

Em via dupla, propomos que o jornalismo literário, enquanto disciplina em desenvolvimento e que ganha crescente atenção e adesão no que se refere à sua consolidação teórica, vislumbre nos gêneros biográficos um terreno de estudo e experimentação. As biografias, tantas vezes corretamente consideradas livros-reportagem, e os relatos autobiográficos, que se constituem em registros históricos em várias ocasiões, apresentam identificação patente com inúmeras características basilares de um jornalismo autoral e narrativo. Seja na coleta de matéria-prima para tal construção discursiva, seja nos formatos que essa verdadeira lapidação deriva, ou nos encontros discursivos possíveis diante de toda essa reunião de sentidos, o

jornalismo literário e os gêneros biográficos têm muito a contribuir mutuamente. É com essa perspectiva que fazemos a reflexão a seguir.

2. História e a narrativa da vida

As biografias (narrativas da vida de indivíduos escritas por terceiros) e autobiografias (relatos produzidos pelo próprio biografado, apresentados na forma de memórias, testemunhos, depoimentos que ganham enredo, intencionalidade e sentidos) empenham-se em relatar a vida de pessoas com uma narratividade que gere interesse. Para isso, lançam mão de estratégias que pertencem a campos diferentes da escrita, mas que se unem no objetivo de revelar ao mundo perfis e episódios muitas vezes desconhecidos ou que padeceram com abordagens apressadas ou estereotipadas. O biógrafo, dos outros e de si mesmo, persegue a meta de lançar luz sobre tais fatos, detalhando a trajetória de seus personagens à exaustão, fornecendo um panorama mais amplo de suas vidas para que, assim, possamos obter deles uma imagem clara.

Nesse terreno transitam historiadores, escritores e jornalistas, cada qual adotando procedimentos narrativos e métodos de apuração que entendem ser pertinentes. Esse arcabouço é de complexo delineamento, exigindo uma arquitetura de nuances no sentido de que os mais diversos aspectos de uma existência pessoal – que invariavelmente lança ecos sobre existências alheias, quando não sobre uma coletividade maior – possam ser devidamente contemplados. As biografias e autobiografias demandam uma organização tal que permita que esse panorama ampliado possa ser vislumbrado, sem negligenciar o detalhe que esclarece, a curiosidade que simboliza uma característica pessoal, ou o encontro fortuito que gera consequências práticas.

É preciso lidar com variantes imprevistas, informações conflitantes, lapsos de fontes e documentos e deduções e induções, que requerem atenção, mas também ousadia. São livros que resgatam a humanidade de vultos históricos – apresentados em suas dimensões mais frágeis e prosaicas –, que colocam anônimos sob foco, que mergulham em individualidades a ponto de obter delas suas confissões mais íntimas e secretas. Uma arte da escrita que exige empenho na escavação e sistematização de dados, que incluem depoimentos extensos ou procura por registros há muito esquecidos,

e a capacidade de transformar tudo isso em uma narrativa lógica, com seus enredos.

A biografia e a autobiografia, trazendo o debate para o âmbito do jornalismo literário, configuram-se como espécies de romances de formação e de informação sobre determinada vida e suas respectivas repercussões. Dessa forma, consideramos que este gênero é uma possibilidade de se fazer jornalismo com técnicas literárias, preservando o “contrato de leitura” – no entendimento de Verón (2004) e Alsina (2009) – de um produto que se propõe a fazer um relato verídico e confiável, mas sem abdicar de um texto que use elementos literários pertinentes e cabíveis em dada situação. Entre esses recursos, destacam-se descrição de cenas, observação de detalhes, inclusão de pensamentos revelados pelos entrevistados ou que eles tenham registrado, emprego de figuras de linguagem, fluxos de consciência e revogação de cronologias rígidas. Traços que contribuem para que o relato seja compreendido em sua complexidade, em sua polifonia e polissemia (Bakhtin, 2002).

Isso se coaduna com o próprio espírito dessa modalidade de trabalho, uma vez que uma vida não se conta com fórmulas pré-estabelecidas burocraticamente. Todas as vidas carregam em si um pouco de magia, de destino, de surpresa, de drama. Não há biografias que não possuam lances quase inacreditáveis, reviravoltas, momentos de emoção, tensão, luto, alegria. François Dosse (2009) pondera que o advento e o desenvolvimento das ciências sociais trouxeram novas perspectivas para os relatos do passado, o que inclui as biografias como retratos de personalidades em seus respectivos tempos históricos. Fenômeno que se intensifica na escrita da história a partir dos anos 1920 e chega às obras biográficas na década de 1980, dando-se o que o autor denomina de “idade hermenêutica”.

Na classificação proposta por Dosse (2009), a “idade hermenêutica” é a terceira de uma série que se inicia com a “idade heroica” – narrativas de grandes feitos de personalidades que eram objeto de biografias laudatórias – e tem sequência com a “idade modal” – em que se tenta aplicar nas biografias a mesma lógica dos relatos históricos, cobrando-se delas uma maior objetividade quanto aos dados tratados. Já na “idade hermenêutica”, o sujeito ganha proeminência, com o biógrafo tendo mais liberdade para expressar essa subjetividade que, obviamente, exige do autor um nível mais profundo de interpretação e não apenas descrições cruas. Há, assim, uma “variação do enfoque analítico, pela mudança constante da

escala, que permite chegar a significados diferentes com respeito às figuras biografadas” (Dosse, 2009, p. 359). Para o teórico, “se conseguirmos detectar uma evolução cronológica entre essas três idades, veremos claramente que os três tipos de tratamento da biografia podem combinar-se e aparecer no curso de um mesmo período” (Dosse, 2009, p. 13). Dosse propõe uma nova visão do gênero biográfico, menos cartesiana. O conceito de narrativa de Ricoeur (2012), que encontra no tempo o modo de retrabalhar o que é relatado, e a “escrita da História”, de Certeau (2017), colocam-se em confluência com essa proposta. Isso se faz com apuração e pesquisa diligentes, mas também com a capacidade de traduzi-las textualmente. E a literatura é uma inspiração possível.

Não se trata, porém, de literatura e sim de um relato que mantém seu objetivo de informar sobre quem foi ou é determinada pessoa. Há parâmetros de verificabilidade que precisam ser expostos e observados; há linhas que não devem ser ultrapassadas; há satisfações a dar ao público. Masforrol lembra que “a biografia não gozava do menor apreço entre os historiadores” (Masforrol, 2012, p. 39, tradução nossa)¹, o que só começou a mudar com o que ela define como a “virada axiológica”. Ainda assim, a professora assinala que um dos primeiros biógrafos modernos, James Boswell, ainda no século XVIII, quando publicou seu clássico *Life of Samuel Johnson*, alegava que “um dos maiores problemas que se enfrenta na biografia”² é assegurar “a credibilidade, uma questão tão porosa e delicada”³, sobre a qual o menor erro “pode levar a impugnar o conjunto de uma obra”⁴ (Masforrol, 2012, pp. 39-40, tradução nossa). Isso, entretanto, não deve coibir concepções mais criativas. Nesse ponto, as biografias e autobiografias encontram reverberação em debates do jornalismo literário, podendo ser incluídas em reflexões sobre esse discurso como mais uma modalidade possível do encontro entre a informação e a fruição do texto, entre a realidade e as maneiras possíveis de apresentá-la, entre a ética da correspondência com os elementos objetivos e sua transformação em discurso.

A biografia e a autobiografia situam-se em uma ampla tradição de comunhão discursiva entre o factual e o imaginado, o dito e o silenciado, o lembrado e o esquecido. Segundo Bakhtin (2002), desde a Antiguidade, com obras como *A Apologia de Sócrates* e *Fédon*, que foram a base para as biografias modernas, há um debate, mesmo que incipiente, acerca da configuração do gênero, algo que amadureceu diante dos desdobramentos pelos quais tal discurso passou. Bakhtin

esclarece que, naquele tempo, tais narrativas eram separadas entre biografias e autobiografias, com características retóricas, em que os chamados “caminhos de vida” dos personagens sob enfoque traziam embutidas conotações outras que não as habitualmente exploradas posteriormente – como seus ensinamentos e sua filosofia própria –, elementos que se prestavam a conjunções e fatores políticos muito específicos (Bakhtin, 2002).

Julia Swindells (2013) critica o fato de textos do gênero serem ora considerados uma verdade transparente da existência, ora como o produto de uma subjetividade ideológica. Ela pondera que, nesses momentos, comete-se o erro de se esquecer das relações entre essas narrativas e os contextos sociais em que elas emergem e dos quais produzem seus relatos. Podemos recorrer, concordando com a autora, ao conceito de “formação discursiva” de Foucault (2007), em que se defende que todo discurso só pode ser compreendido quando são levados em consideração seus diversos elementos formadores, muitos deles situados no tempo e no espaço em que tais enunciações emergem.

As biografias e os relatos autobiográficos inserem-se em uma efetiva troca de saberes simbólicos e estão expostos a elementos que chegam a um nível de abstração incomum em gêneros de não-ficção. Uma dessas variáveis é a memória. “De que há lembrança? De quem é a memória?” Essas duas perguntas fundamentais feitas por Paul Ricoeur (2014, p. 23) revelam o quão importante é ter em perspectiva suas respostas na condução de uma narrativa biográfica. O mesmo autor, em outra obra, pontua: “O que é re-significado pela narrativa é o que já foi pré-significado no nível do agir humano” (Ricoeur, 2012, p. 138). Um interstício onde se encontra a narrativa biográfica, contando e “re-significando” o agir do passado, rerepresentando situações que nem sempre são vistas da mesma forma por fontes diferentes. Neste momento, o saber jornalístico e seu compromisso com a verdade encontram nas falhas da memória obstáculos poderosos e às vezes intransponíveis.

Em debate tão espinhoso e que leva em conta questões deontológicas fundamentais, a nova história é uma referência interessante na medida em que admite que a construção do discurso histórico é exatamente isso: uma construção discursiva. Esse fato incontornável não transforma a historiografia em uma sucessão de “achismos” ou de conclusões aleatórias, tiradas a esmo por parte de quem escreve. Ao contrário, trata-se de um processo hermenêutico necessário para a melhor compreensão de processos e acontecimentos,

sem o qual não haveria contextualizações e sinalizações a contento na direção de se entender o passado, como salienta Dosse (2009).

A nova história, representada nas reflexões em torno da chamada *École des Annales*, rompe com paradigmas que engessavam essa apreensão, redimensionando procedimentos de pesquisa, seus objetos de análise, sua “escrita da história” (Certeau, 2017). Marc Bloch (2001) defende que a coleta de dados e a pesquisa de documentos só têm pertinência se ganharem “sentido” em sua interpretação. Esses objetos só serão aproveitáveis acompanhados de um discurso em que consigamos perceber sua efetiva importância. Movimento que promove a exploração de outros meios possíveis de se relatar a história e, conseqüentemente, a vida de quem dela fez ou faz parte. “Nunca [em nenhuma ciência] a observação passiva gerou algo de fecundo. Supondo, aliás, que ela seja possível” (Bloch, 2001, p. 79). Para o estudo das biografias, a nova história e seus parâmetros teóricos têm enorme contribuição a dar, seja nos métodos de coleta e análise de dados, seja no próprio interior dessas narrativas, norteando as maneiras de se utilizar os testemunhos, os documentos e resolver os apagamentos, as contradições e os silenciamentos. Isso só é possível se sentidos forem conferidos a tais materiais, dentro de procedimentos e critérios transparentes, construídos a partir de interpretações válidas.

O historiador Jörn Rüsen (2005) sinaliza que a história é narrativa, elencando características que tornam essa relação tão fundamental. Ele elege “três qualidades e suas relações sistemáticas” para construir uma teoria narrativa da história. Em sua visão, a narrativa histórica – e aqui poderíamos fazer um paralelo com a biográfica e a memorialística – “amarra” as pontas da memória, “mobilizando experiências do passado” para que elas possam “tornar o presente compreensível”; “organiza a unidade interna das três dimensões do tempo” [passado, presente e futuro] para que elas resultem em uma “concepção de continuidade”, enfatizando experiências e influências entre elas; e, por fim, “estabelece a identidade de autores e ouvintes”, garantindo, assim, certa “permanência e estabilidade” mesmo diante das mutações do mundo (Rüsen, 2005, p. 11).

Paul Ricoeur acredita, por sua vez, que exista “um vínculo indireto de derivação mediante o qual o saber histórico procede da compreensão narrativa sem nada perder de sua ambição científica” (Ricoeur, 2010, p. 152). Isso leva à incontornável premissa de que o relato histórico e sua escrita é um discurso. “Retomemos: história

1, história-objeto, envolve todo o acontecer humano, de qualquer tipo, em todos os lugares, e durante todo o tempo; história 2, história-discurso, é sempre a narrativa de fragmentos desse objeto absolutamente indelimitável” (Novais & Silva, 2011, p. 17). Um “indelimitável” que ganha expressão no discurso: “Pode ser também que, atendo-se ao *discurso* e à sua fabricação, se apreenda melhor a natureza das relações que ele mantém com o seu outro, o real. A linguagem não tem ela como regra implicar, embora colocando-a como *outra* que não ela mesma, a realidade da qual fala?” (Certeau, 2017, p. 5, grifos do autor). Essa pergunta leva ao debate entre as fronteiras discursivas, que existem, mas que não são impenetráveis.

Luiz Costa Pinto defende diferenciações não por serem meramente “disciplinas distintas”, mas porque história e ficção têm prerrogativas e propósitos diferentes, elaborando o empírico “segundo modos bem diversos, em que o próprio de um é o impróprio do outro” (Pinto, 2006, p. 117). Segundo o autor, a escrita da história percebeu que a descrição crua não era suficiente, mas resguardou-se de acolher, por outro lado, abordagens excessivamente criativas ou que levassem a imaginação a pontos que colocassem em risco sua credibilidade. Os fatos, porém, impõem desafios de interpretação que fizeram com que a historiografia buscasse outros caminhos: “a escrita da história converte uma heterogeneidade de fatos em um conjunto temporal explicado” (Pinto, 2006, p. 128).

Hayden White (2001), porém, tem um entendimento mais aberto nesta questão:

Na realidade, a história – o mundo real ao longo de sua evolução no tempo – adquire sentido da mesma forma que o poeta ou o romancista tentam provê-lo de sentido, isto é, conferindo ao que originariamente se afigura problemático e obscuro o aspecto de uma forma reconhecível, porque familiar. Não importa se o mundo é concebido como real ou apenas imaginado: a maneira de dar-lhe um sentido é a mesma (White, 2001, p. 115).

Trazendo esse raciocínio para o jornalismo, temos uma situação semelhante. Mesmo diante de um relato acerca da realidade, há um discurso, uma escrita que necessita de interpretações. Na informação jornalística, esse mesmo processo se averigua, ainda que com peculiaridades. Ao falar de jornalismo literário, tal questão torna-se ainda mais pronunciada, uma vez que a própria escrita traz à baila outras visões, associações, emprego de mais recursos que salientam sua complexidade. Podemos afirmar algo similar acerca dos gêneros biográficos.

As pesquisas em torno desse tema têm já alguma tradição (Olinto, 2008; Chillón, 1993) e vêm se ampliando no Brasil (Pena, 2008; Bulhões, 2007; Castro, 2010; Borges, 2013; Martinez, 2016) e no exterior (Leman, 2015; Sims, 2009; Cumming, 2014; Walters, 2017). Em comum há o esforço de se demonstrar que o jornalismo literário não é incompatível com a qualidade informativa. Chillón pondera que é “imprescindível superar a falsa contraposição entre linguagens denotativa (jornalismo) e conotativa (literatura)” (Chillón, 1993, p. 29). O autor chega a usar o termo “literatura documental” para definir a modalidade. Em sua reflexão, Chillón crê que o jornalismo literário tem o potencial de “aperfeiçoar, contextualizar e suplantar” o jornalismo tradicional (Chillón, 1993, p. 131). Daí a pertinência de se ombrear neste debate o jornalismo, a história e os relatos de vida. O fato objetivo não existe no discurso se nele não for trabalhado. E o ato de relatá-lo é também a ação de lhe emprestar sentido. Afinal, “escrever é reescrever” (Ricoeur, 2010, p. 256).

No jornalismo, esse debate está presente. As teorias construcionistas revelam que o discurso jornalístico, ainda que disciplinado por seus compromissos sociais, está exposto a influências, pressões e subjetividades (Alsina, 2009), apoiadas na escola sociológica do interacionismo simbólico, que defende a ideia de “construção social da realidade”, com “objetivações” eivadas de subjetividades.

A realidade da vida cotidiana não é cheia unicamente de objetivações; é somente possível por causa delas. Estou constantemente envolvido por objetos que ‘proclamam’ as intenções subjetivas de meus semelhantes, embora possa às vezes ter dificuldade de saber ao certo o que um objeto particular está ‘proclamando’ (Berger & Luckmann, 2010, p. 53).

Essa tese reverbera na imagem que fazemos da realidade e, portanto, de fatos objetivos e verificáveis com os quais o jornalismo trabalha. Como pondera Ponte (2005), as notícias “são como são” em razão de uma série de constructos, simbólicos ou tangíveis, que contribuem na formatação do discurso elaborado sobre ou a partir de determinado evento, de uma personalidade específica, de um dado contexto. “Em sociedades abertas e plurais quanto à sua composição, dinâmicas e instáveis, pensar a comunidade é também analisar como a proximidade dos *outros* é experienciada” (Ponte, 2005, p. 135, grifo da autora). Sociedade e pessoas influem-se reciprocamente, passando por mudanças em seus estatutos, reavaliando posturas, comportamentos, atualizando códigos e registros.

Discursos que se querem credíveis recorrem ao convencimento de que são confiáveis. Nesse processo, dá-se algo parecido com o que ocorre na verossimilhança ficcional, uma vez que quem lê também precisa “acreditar” naquilo de que é informado. O “efeito da verdade” cobrado por Barthes (1999), a legitimação do verdadeiro na narração de fatos (Sodré, 2009) ou episódios no jornalismo e na história passam por esse debate crucial. “Um fato, por conseguinte, é um complexo que inclui eventos envolvendo coisas, pessoas e textos. As suas marcas características são a atividade, a relação e a temporalidade” (Gomes, 2009, p. 30). Essas três dimensões – do ato, da interação entre pessoas e coisas e do tempo – sustentam o arcabouço a partir do qual o discurso se efetiva.

Aos gêneros biográficos, aplicam-se também essas reflexões. Tais obras trazem em seus alicerces os debates que se encontram também no âmbito do jornalismo e da história. As biografias e os registros autobiográficos exercitam-se nos dois sistemas, sedimentando dados históricos e informando jornalisticamente sobre trajetórias pessoais. No jornalismo, o contrato de leitura (Verón, 2004) é aquele da informação verídica e comprovada, assim como na história há exigências parecidas e mais intensas, já que ganham conotação científica. A biografia, em muitos sentidos, também é história.

3. Gêneros biográficos e jornalismo literário: os desafios do discurso

As questões assinaladas até aqui, sobretudo quanto às formas de o discurso biográfico se constituir, muitas vezes são negligenciadas. Quando pensamos nos relatos de vida por meio de discursos, do papel incumbido ao “Eu e ao Outro” (Ricoeur, 2014) na narrativa, isso fica mais patente, uma vez que se trabalha com representações, mesmo em busca do factual, de um passado. Os gêneros biográficos compõem quadros multifacetados. Talvez a melhor opção não seja classificá-los, mas narrativizá-los. “Por isso mesmo, na consciência dos que falam, o relato, o discurso deixa de ser um reflexo submisso das coisas, e adquire um valor independente” (Todorov, 2003, p. 114).

Estabelecer um paralelo entre as diferentes narrativas – a jornalística, a histórica, a literária, a biográfica – não nos parece despropositado. Os perfis jornalísticos são exemplos que podem ser

aventados. Eles se debruçam sobre um indivíduo com o desafio de aprofundar o olhar. Biografias e autobiografias elegem seus heróis e vilões, situações dramáticas e de redenção. Poderíamos dizer que tal prática é também jornalismo literário, ainda que exercido em outro *locus*. Para Tom Wolfe (2005), expoente de um movimento de jornalismo literário nos Estados Unidos que teve maior força nos anos 1960, foi designado de novo jornalismo, “a palavra autobiografia vem do final do século XVIII. É a única forma de não-ficção que sempre teve quase a mesma força do romance” (Wolfe, 2005, p. 69). Na visão do jornalista, “muitos repórteres que tentam escrever novo jornalismo usam o formato autobiográfico (...) precisamente porque isso parece resolver tantos problemas técnicos. O novo jornalismo foi muitas vezes qualificado de jornalismo ‘subjetivo’ por essa razão” (Wolfe, 2005, pp. 69-70).

Nicolas Leman (2015), ao tratar dessas fronteiras, remete a obras que traçam perfis biográficos pouco ortodoxos. Ele recorda as técnicas ousadas de Tom Wolfe, de observação detalhada e até de mergulho nos segredos guardados no pensamento de seus entrevistados. Ainda que admire o talento do escritor mencionado, o teórico faz um alerta: “Não-ficção é mais que, literalmente, uma ausência de ficção. Não-ficção tem uma missão diferente da ficção” (Leman, 2015, p. 54, tradução nossa)⁵. Noam Sims (2009) vê as biografias como um gênero que tem profunda ligação com os desafios que o jornalismo literário aceita ao transitar entre discursos e seus hibridismos. “Existem fronteiras entre jornalismo literário e formas que estão em suas cercanias, que incluem autobiografia, ficção, ficção científica, jornalismo convencional e história” (Sims, 2009, p. 11, tradução nossa)⁶. O interessante é que ele estabelece a autobiografia mais como uma produção ficcional, desconfiando de sua total lisura quanto à realidade. “Nós podemos razoavelmente ser céticos que as pessoas serão honestas e verdadeiras sobre si mesmas. Se descobrimos que uma autobiografia ou obra memorialística – ou, Deus me livre, um trabalho jornalístico – é embelezado ou falseado, reagimos negativamente. Isso faz a diferença entre eles” (Sims, 2009, p. 14, tradução nossa)⁷.

Patrick Walters (2017) alega que “muitos dos estudos sobre as relações entre jornalismo e autobiografia/memória têm focado no novo jornalismo” (Walters, 2017, p. 26, tradução nossa)⁸. Já Doug Cumming (2014) cita o jornalista Marshall Frady que, ao biografar o pregador Billy Graham, chega a usar os termos “ultra-biografia”

ou “biografia total”. Ele identifica no trabalho o afimco em descobrir cada detalhe dos vieses tratados sem, contudo, perder o apreço pelo que chama de “cuidado pela observação da integridade jornalística” (Cumming, 2014, p. 86). Na perspectiva de Christopher Wilson, jornalismo e biografias são gêneros que nos fazem ver o que “há por trás dos fatos” (Wilson, 2014, p. 64).

Espécie de livro-reportagem, não por acaso as biografias passaram a ser campo de exercício de jornalistas, que trouxeram sua experiência para um terreno antes dominado por historiadores. “Para biografar, ninguém precisa necessariamente ser jornalista, antropólogo, astrônomo, físico ou historiador. Basta ser biógrafo” (Vilas Boas, 2002, p. 17). O historiador e o jornalista têm em comum o compromisso com a “verdade” dos fatos que trazem à luz. Segundo Vilas Boas (2008), seis pontos devem orientar esses trabalhos: descendência, fatalismo, extraordinariedade, verdade, transparência e tempo. Balizas que não são estranhas ao jornalismo e à história e que, por sua vez, a literatura ficcional também utiliza. Fatalismo e extraordinariedade poderiam ser traduzidos como critérios de noticiabilidade correspondentes à tragédia, à coincidência, ao ineditismo. Já a transparência e a verdade são compromissos que vão ao nível deontológico no jornalismo e na história, não excluindo gêneros como os biográficos. Ainda que essa verdade seja construída, ela mantém-se como referência a ser perseguida, o “norte” a ser observado, sob pena de se estar em outra prática, a da ficção.

Quando Vilas Boas fala de “descendência” e “fatalismo”, lança seu olhar sobre a investigação dos dados que, organizados, hierarquizados e interpretados, ganham uma conotação específica que leva em conta o delineamento do perfil do biografado tal qual um personagem. É também um convite para não simplificar a personalidade sob foco no texto. Para Vilas Boas, “é um equívoco, portanto, acreditar que o que não é quantificável e formalizável não existe ou não passa de resíduo do real” (Vilas Boas, 2008, p. 142). Inquietação que move o debate da questão da ideia de verdade.

O biógrafo pode atingir a verdade sobre o biografado? Pode-se recompor, filosoficamente falando, a totalidade da vida de um indivíduo pela escrita? Não (...) Como na escrita da história, que é uma resposta provisória sobre o passado, a escrita biográfica também transporta a carga de seu autor, suas impressões pessoais, sua formação, sua história de vida, seus compromissos com a sociedade que o formou (...) – o mesmo amplo conjunto de valores, aliás, que constituem o biografado, evidentemente (Vilas Boas, 2008, p. 153).

Estabelece-se, assim, diante dos gêneros biográficos, uma discussão idêntica àquela que movimenta as reflexões acerca dos discursos jornalístico e histórico. “Eis o ponto: a verdade científica, que pauta os biógrafos, não é o mesmo que a verdade íntima, que pauta os biografados” (Vilas Boas, 2008, p. 160). Temos não um conflito, mas uma dicotomia que irá demandar outras abordagens.

A célula-mãe da biografia é exatamente o humano e seus entornos, ambos imensuráveis, incalculáveis, indecomponíveis. (...) O que brota é um universo fluido, misterioso, não-racional. Quando se constrói ou reconstrói um personagem ou uma história de vida, a fronteira do real e do imaginário se diluem (Vilas Boas, 2008, pp. 161-162).

O teórico justifica essa posição até certo ponto polêmica ao afirmar que biógrafos e biografados não são entidades exatas livres de contradições. Cada qual tem sua lógica própria e esse encontro – somando-se a um número inestimável de dados que se perdem, se acham e se transformam com o tempo e as circunstâncias – é um conjunto que não deve ser visto como algo cartesiano. “Assim, poderão ver que o falso se funde ao verdadeiro, o relevante se descola com facilidade do resto e os acúmulos de testemunhos podem ser desafiados pelas próprias destilações do escritor a partir de monótonas massas de papel informativos” (Vilas Boas, 2008, p. 163).

Nos discursos que se apoiam em fatos verificáveis, esse debate foi considerado por muito tempo quase como uma heresia. Como bem teorizou Gaye Tuchman (1999), as ideias de objetividade, neutralidade e imparcialidade são mais que meros procedimentos profissionais; configuram-se como ética a ser respeitada, legitimação da atuação do jornalista. Na opinião da autora, perfazem mais um ideal que a concretização de uma meta. Isso, porém, não invalida essa baliza, o que jogaria tais disciplinas – e seu dever de informar e registrar – em um relativismo que abriria espaço para distorções. Gomes lembra que “o jornalismo é uma atividade integralmente afetada pela norma da veracidade” (Gomes, 2009, p. 10). Ele refuta reflexões que flexibilizem essa característica: “O jornalismo não apenas assume com o consumidor de notícias a obrigação de ser veraz, mas também o compromisso de usar de todos os recursos possíveis para evitar o engano e o erro” (Gomes, 2009, p. 11).

O jornalismo literário e os gêneros biográficos se estabelecem em meio a esse jogo de forças. Nesse campo que não chega a ser de batalha, mas que tem lá seus embates, é preciso reconhecer que o

discurso é uma representação. Segundo Ricoeur (2012), a narração pode se dar em diferentes espaços e períodos. “Contudo, *onde* se cruzam as referências por vestígios e a referência metafórica, senão na *temporalidade* da ação humana? Não é o tempo humano que a historiografia e a ficção literária refiguram *em comum*, cruzando nele seus modos referenciais?” (Ricoeur, 2012, p. 140, grifos do autor).

São fronteiras delicadas, que colocam em perspectiva os discursos da realidade e da ficção. É preciso estabelecer, assim, o conceito de ficção. Reconhecendo que muitos textos ficcionais trazem elementos de realidade em sua elaboração e vice-versa, o que demonstra os vínculos estreitos existentes entre ambos, Iser (2013) argumenta que é no universo da linguagem e como ela se estabelece em determinado texto que as dúvidas são dissipadas e as diferenciações estabelecidas. Por meio de funções, as obras percorreriam o que ele chama de “tríade”, as quais são: “a seleção, a combinação e a autoindicação”, que cada trabalho traz em si. Essa espécie de itinerário interpretativo e de leitura de “um texto ficcional se dá a conhecer como tal, através de sinais do contrato vigente entre autor e leitor” (Iser, 2013, p. 43).

O que nos interessa neste momento, porém, é perceber que a ficção possui lógicas internas, até mesmo em sua análise (Ricoeur, 2012), em suas configurações e construções discursivas. E o que Iser (2013) designa como “ato de fingir” é, na essência, o caráter estético da criação ficcional mesmo antes de ela ser designada como literatura, o que não deve ser associado a mentiras ou engodos. Há uma elaboração de imaginários e dados objetivos para a construção de uma obra de arte, mas que trazem referências do mundo. Vargas Llosa chama essa condição da literatura de “verdade das mentiras”. “A verdade literária é uma, a verdade histórica, outra. Mas mesmo que esteja repleta de mentiras – ou melhor, por isso mesmo –, a literatura conta uma história que a história, escrita pelos historiadores, não sabe nem pode contar” (Llosa, 2004, p. 24).

Tomás Eloy Martínez (2006), trazendo o debate para o campo do jornalismo, pondera que “a notícia deixou de ser objetiva para transformar-se em individual” (Martínez, 2006, p. 235, tradução nossa)⁹ e assinala que “de todas as vocações do homem, o jornalismo é aquela em que há menos lugar para as verdades absolutas” (Martínez, 2006, p. 235, tradução nossa)¹⁰. O jogo narrativo, o ir e vir de verificação e possibilidade, prova e interpretação, liberdades e compromissos objetivos são instigantes, desde que bem conduzidos.

É necessário destacar que na apuração de dados e detalhes, na coleta de entrevistas e depoimentos, na confrontação de versões, há lapsos, lacunas, contradições que não necessariamente são falseamentos. Memória, recordação, trauma, esquecimento integram a reconstrução do passado. O discurso sempre abrigará subjetividades. Nos textos de caráter biográfico, tais questões são ainda mais pronunciadas.

O passo decisivo a uma concepção narrativa da identidade pessoal é dado quando se passa da ação à personagem. É personagem aquela que executa a ação da narrativa. A categoria da personagem, portanto, também é uma categoria narrativa, e seu papel na narrativa diz respeito à mesma inteligência narrativa do enredo. A questão então é saber com que a categoria narrativa da personagem contribui para a discussão da identidade pessoal. A tese aqui defendida será de que a identidade da personagem é compreendida por transferência para ela da operação de composição do enredo antes aplicada à ação narrada; a personagem, digamos, é composta em enredo (Ricoeur, 2014, p. 149).

Ao abordar as categorias de “Eu e Outro”, Ricoeur pauta o debate sobre o lugar da identidade em discursos sobre pessoas – ou “personagens” – e seu olhar situa-se na complexidade de construir (ou reconstruir) indivíduos reais por meio do ato narrativo. O Eu ganha novos significados, na posição de narrador e de narratário, uma vez que também reconhece como narrativas os relatos que recolhe por meio de testemunhos, entrevistas, documentos. O Outro afigura-se como um eterno desafio de interpretação e descoberta. É um processo que inclui as muitas camadas da memória.

De um lado, as lembranças distribuem-se e se organizam em níveis de sentido, em arquipélagos, eventualmente separados por abismos; de outro, a memória continua sendo a capacidade de percorrer, de remontar no tempo, sem que nada, em princípio, proíba prosseguir esse movimento sem solução de continuidade. É principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade (Ricoeur, 2007, p. 108).

A memória forma uma continuidade descontínua, uma narrativa que não se conclui. Para Ricoeur (2007), memória pessoal – reminiscências, lembranças nem sempre nítidas – se completam com memórias coletivas, em que contextos sociais auxiliam – quando não delimitam ou mesmo definem – determinadas recordações. Memórias que lastreiam narrativas, olhares retrospectivos que evitam anacronismos de eventos refeitos no nível discursivo. Essa abordagem estabelece pontes com o pensamento que trabalha a complementaridade

entre memória e percepção, justamente o que ocorre nos discursos históricos, jornalísticos, biográficos. “Sem dúvidas nossas percepções estão impregnadas de recordações e inversamente uma recordação não volta a ser presente, mas tomando do corpo alguma percepção em eu se inscreve” (Bergson, 2006, p. 80, tradução nossa)¹¹.

Essa abordagem do fenômeno da memória diante da realidade tangível em que ela se manifesta – ou é estimulada a fazê-lo – privilegia a visão de que o fato objetivo e material não deve ser analisado ignorando engrenagens subjetivas. As lembranças se unem aos vestígios objetivos para que determinados episódios possam ser reconstruídos em uma narrativa. O jornalismo literário, em diferentes medidas, faz o mesmo. As vivências, na concepção de Gadamer “trata[m]-se das unidades vivenciais, que são em si mesmas unidades de sentido (Gadamer, 2008, p. 111)” e inserem-se nessa complexa equação. Sentido que se dá na narrativa, vislumbrado no relato objetiva e subjetivamente elaborado.

4. Literatura da realidade em obras biográficas

Há muitos exemplos de obras biográficas escritas por jornalistas que acionam todas as questões pontuadas no presente artigo. A menção a estes trabalhos não deve ser associada a um juízo de valor e sim como citações de biografias e autobiografias que ilustram determinados procedimentos e revelam as formas pelas quais tais obras acessam as ricas e diversificadas ligações com o jornalismo literário. Um dos nomes de maior proeminência nesta área no Brasil na atualidade é o do jornalista e escritor Lira Neto.

Se no início, o autor parecia um pouco intimidado por normas que lhe conferissem uma espécie de licença para se considerar um biógrafo, seus trabalhos foram paulatinamente ganhando outro fôlego e enveredando por linguagens mais afeitas ao jornalismo literário. Isso já se vê em sua terceira biografia, *Maysa – Só Numa Multidão de Amores* (2007)¹². Nesse livro, Lira Neto liberta-se de fórmulas e faz com que a turbulenta trajetória da cantora, que foi uma das mais populares do Brasil, seja apresentada como uma espécie de drama, quase uma ópera, com momentos trágicos e intensos. Essa escolha mostrou-se perfeita para contar o que aconteceu com uma mulher que ainda hoje é lembrada pela força de sua personalidade, pela paixão com que conquistou o sucesso e mergulhou na decadência, no vício e na autodestruição.

Esse espírito do biografado que emana dos livros de Lira Neto talvez seja seu maior diferencial. Algo que só pode ser alcançado se o texto convencional for abandonado. É necessário que o escritor elabore um enredo para que tantos momentos únicos possam ser revelados em sua dimensão humana; para que as características peculiares e que fazem uma pessoa ser especial em suas idiosincrasias “pulem” das páginas e se façam reais para quem as lê; para que a compreensão se dê em níveis mais profundos e não na superficialidade. Esse desafio da escrita enseja a alma do jornalismo literário. Os gêneros biográficos são, assim, terreno fértil para o exercício do registro do passado, da memória, dos eventos por meio de discursos que primam pela desenvoltura narrativa, mantendo-se fieis ao verificável.

Isso fica ainda mais patente nas duas obras que Lira Neto publica na sequência. Em *Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão* (2009)¹³, ele atropela os estereótipos em torno de um líder religioso tão popular para refazer o perfil de um homem antes de tudo contraditório. Entre aqueles que adoram o padre e os que o denigrem, Lira Neto percorre um caminho não exatamente intermediário e sim instigante quanto a perceber tal personalidade por ângulos menos simplistas. E as descrições realizadas a respeito de suas atitudes dúbias, de seus supostos milagres, das perseguições que sofreu no decorrer de sua vida são levadas ao leitor como se fossem pequenos contos a respeito de uma personagem misteriosa, que alimentou uma imagem pública polêmica e forte.

O biógrafo equilibra-se, mantendo a força narrativa, entre elementos, depoimentos e documentos várias vezes maniqueístas. Como separar as paixões e os ódios do que de fato aconteceu? Como dar contornos a um homem que hoje é considerado um verdadeiro santo para milhões de fiéis, mas que realizou manobras políticas, fez acordos com cangaceiros e foi acusado de charlatão pela própria Igreja? Como palmilhar um terreno pelo qual também vagueiam elementos pertencentes à esfera do sobrenatural, do inexplicável, do divino? Nesse sentido, a união entre o material objetivo e a narrativa de contornos literários foi adotada para não incorrer em um debate que pode parecer imparcial, mas que não contempla a abordagem mais completa e plural que o personagem merece.

O mesmo pode ser dito sobre a trilogia que Lira Neto dedica ao relato da vida do ex-presidente Getúlio Vargas, sua obra mais ambiciosa. Os três volumes de *Getúlio* (2012, 2013 e 2014)¹⁴ consumiram mais de meia década de levantamento de dados, esclarecimento de episódios cruciais de nossa história política, entendimento de um ser que gostava

de confundir, não de explicar. A famosa tergiversação de Getúlio Vargas em suas cartas e em suas relações foi o maior empecilho na montagem deste gigantesco mosaico, com centenas de personagens e que percorre meio século da vida nacional, reverberando ainda hoje, mais de 60 anos após o suicídio que desencadeou outros terremotos na política brasileira. O rapaz tímido, o jovem e ambicioso político, o oportunista, o ditador, o conciliador, o velho matreiro, o homem vitorioso e o líder derrotado, o pai dos pobres. Todos esses “Getúlios” são revisitados, narrados, significados.

Para as dimensões deste texto, seria impossível detalhar as obras de Lira Neto. Seus livros são aqui mencionados como exemplos ilustrativos de como o jornalismo literário vem sendo empregado com desenvoltura em trabalhos do gênero, sobretudo quando estes são assinados por profissionais que já atuaram na imprensa. Nessa categoria também estão autores igualmente consagrados na elaboração de obras dessa seara, como Ruy Castro e Fernando Morais. Castro tem no currículo textos que se tornaram referência na forma como estabelecem vínculos no âmbito da linguagem e da construção discursiva com narrativas que bem poderiam ser tomadas como literárias se não considerássemos os contratos de leitura vigentes em seus trabalhos. As biografias sobre o dramaturgo Nelson Rodrigues¹⁵ e o jogador de futebol Garrincha¹⁶ são dois livros em que isso se dá de forma cristalina. Os momentos difíceis vividos pelo craque do Botafogo e da Seleção Brasileira ganham conotação quase épica quando se conhece melhor como aquele menino pobre tornou-se um ídolo mundial, morrendo, porém, precoce e miseravelmente.

Já Nelson Rodrigues trilha outro trajeto, em que a genialidade de um escritor se mescla a demônios secretos – ou retrabalhados publicamente – para criar uma espécie de “tipo” com salvo-conduto para moldar, por sua vez, outros tipos. Uma vida em metanarrativa que Ruy Castro não teria conseguido transformar em discurso se não houvesse entendido sua dinâmica tão própria. Por isso, em seu texto, o biógrafo mais dialoga com o biografado do que exatamente o analisa e o explica. É uma espécie de “tabelinha” que estabelece com uma personalidade cheia de recantos, muitos deles obscuros. A pura objetividade não seria suficiente e, na verdade, mostraria-se inadequada na construção dessa história. Nelson Rodrigues fabricava e desenvolvia suas máscaras e para tirá-las, Ruy Castro precisou aderir ao seu jogo, aceitar suas condições, referendar seus subterfúgios. Castro, também um excelente cronista, mescla com precisão o mundo objetivo e o subjetivo, o palpável e o simbólico.

Fernando Morais, em suas biografias sobre o jornalista Assis Chateaubriand¹⁷ e a revolucionária Olga Benário¹⁸, entre outras personalidades, coloca-se em posição semelhante. Em *Chatô – O Rei do Brasil* (2011), ele mergulha nos sentimentos mais mesquinhos e nos feitos grandiosos de um homem capaz de tudo, tanto para construir obras relevantes quanto para destruir reputações. Chatô não tinha um comportamento linear. Qualquer tentativa de um desenho simplificado ou esquemático desse homem estaria fadada ao fracasso. Por isso seu biógrafo inicia o livro com um sonho do personagem central, já à beira da morte em um leito de hospital. É o herói travestido de vilão ou o vilão que se enxergava como herói? Ao contrário do que se imagina de uma biografia – ou mesmo de um texto jornalístico ou histórico –, tal resposta não é o mais importante. O que de fato é necessário conhecer se dá em outra dimensão. O canibalismo metafórico em que Chatô se envolve nesta imagem narrativa é uma espécie de síntese de uma vida, traduzida por um jornalismo literário destemido.

Personalidades tão complexas merecem narrativas igualmente compósitas. Isso se dá nas biografias, mas também nas autobiografias. Nessas obras, há fenômenos narrativos um tanto diferentes, mas ainda assim vinculados a construções que encontram correspondência com a literatura em muitos sentidos. Isso fica ainda mais evidente quando as recordações do biografado são mediadas por uma terceira pessoa. Isso pode ser percebido em livros como *Às Margens do Sena* (2007), em que o jornalista Reali Jr¹⁹. é levado a revisitar seus feitos e suas aventuras pelo também jornalista Gianni Carta. O mesmo ocorre com Samuel Wainer²⁰ no já célebre *Minha Razão de Viver* (2005), em que o também jornalista é instigado a fazer um balanço de sua trajetória pelo colega de profissão Augusto Nunes.

Em ambos os casos, há a construção de uma “persona”²¹, que poderia ser encarada como uma figura com traços de ficção, em uma espécie de “jornada do herói”, em que obstáculos são superados, a competência transpõe as invejas, o talento é maior que a incompreensão alheia. Tanto Carta quanto Nunes se esmeram em estabelecer relações de causa e efeito entre seus biografados e eventos de maior amplitude, colocando-os no centro de fatos relevantes. Não são pessoas comuns; são especiais, únicas. E mesmo seus equívocos, pecados, eventuais venalidades ganham justificativa. Moldar a imagem pública, escusar-se de erros e salientar acertos são comportamentos comuns até na mais sincera das confissões. E a autobiografia é, em medidas diferentes, uma confissão, a disponibilidade de expor parte de uma intimidade.

5. Considerações finais

Toda a reflexão precedente e a apresentação, ainda que sucinta, de exemplos de biografias e autobiografias escritas por jornalistas servem, dentro dos limites deste texto, para enfatizar as associações, os vínculos e as correspondências entre os gêneros biográficos e o jornalismo literário, sobretudo na dimensão discursiva. As biografias e os relatos confessionais podem, dependendo da abordagem, serem considerados modalidades de livros-reportagem (Lima, 1995). Uma prática, porém, que não se configura de maneira convencional e sim demanda outras estratégias que respondam a desafios mais amplos e que são intrínsecos de vidas muitas vezes extraordinárias – ou que, ao menos, colocam-se como tais.

Percorrer teorias como as da nova história e da narrativa em sua articulação com a memória é um périplo necessário para a reflexão mais detida sobre os gêneros biográficos, o que os levam também para as proximidades de uma abordagem menos cartesiana do próprio trabalho de apuração, interpretação e relato de fatos objetivos. O jornalismo literário, dessa forma, apresenta-se, mais que uma alternativa, como uma chave de compreensão dos gêneros biográficos no que contêm de riqueza informativa e de talento narrativo. Reconstruir o passado – de um povo ou de uma vida –, por meio de um texto que inclui acionar uma série de habilidades e competências que unam o levantamento de material documental e a obtenção de testemunhos com a narrativa adequada para que tantas informações sejam repassadas de maneira interessante e aprofundada, é uma tarefa comungada pelo jornalismo literário e os gêneros biográficos. Acreditamos que a abordagem teórica dos dois campos passa por planos próximos, quando não os mesmos, permitindo que possamos avançar nas reflexões sobre a narrativa da realidade em ambas as frentes de maneira conjunta e articulada.

NOTAS

- 1 “La biografia no gozaba del menor aprecio entre los historiadores” (Masforrol, 2012, p. 39)
- 2 “Uno de los mayores problemas a los que se enfrenta la biografia” (Masforrol, 2012, p. 39)

- 3 “La credibilidad, una cuestión tan porosa e delicada” (Masforrol, 2012, p. 39)
- 4 “Puede llevar a impugnar el conjunto de una obra” (Masforrol, 2012, p. 39-40)
- 5 “Nonfiction is more than, literally, not-fiction. Nonfiction has a different central mission from fiction” (Leman, 2015, p. 54).
- 6 “There are borders between literary journalism and the surrounding forms, which include autobiography, fiction, science writing, conventional journalism, and history” (Sims, 2009, p. 11).
- 7 “We can reasonably be skeptical that people will be honest and truthful about themselves. If we discover that an autobiography or memoir—or, heaven forbid, a work of journalism—is embellished or faked, we react negatively. It makes a difference to us” (Sims, 2009, p. 14).
- 8 “Much of the study on the relationship between journalism and autobiography/memoir has focused on the New Journalists” (Walters, 2017, p. 26).
- 9 “La noticia ha dejado de ser objetiva para volverse individual” (Martínez, 2006, p. 235).
- 10 “De todas las vocaciones del hombre, el periodismo es aquélla en la que hay menos lugar para las verdades absolutas” (Martínez, 2006, p. 235).
- 11 “Sin dudas nuestras percepciones están impregnadas de recuerdos, y inversamente un recuerdo (...) no vuelve a ser presente más que tomando del cuerpo alguna percepción en la que se inscribe” (Bergson, 2006, p. 80).
- 12 Biografia sobre a cantora Maysa, uma das mais populares do Brasil nos anos 1960 e 1970 e que teve uma morte trágica.
- 13 Biografia sobre um líder religioso considerado santo pelo povo, mas não pela Igreja Católica, e que hoje é venerado na região Nordeste do Brasil.
- 14 Biografias sobre o ex-presidente brasileiro que foi um dos maiores líderes políticos do século XX e que cometeu suicídio em 1954.
- 15 Dramaturgo e jornalista brasileiro de grande apelo popular no País.

- 16 Jogador de futebol que foi campeão do mundo pela Seleção Brasileira nas Copas de 1958 e 1962.
- 17 Polêmico jornalista brasileiro que, entre outros feitos, inaugurou a TV no Brasil.
- 18 Revolucionária comunista que, após ser capturada, foi extraditada para a Alemanha, onde morreu em um campo de concentração nazista durante a Segunda Guerra Mundial.
- 19 Jornalista brasileiro de destaque.
- 20 Jornalista brasileiro que fundou o jornal Última Hora, um dos mais importantes de seu tempo.
- 21 “*Persona* significa originalmente ‘máscara’ e é através da máscara que o indivíduo adquire um papel na identidade social” (Agamben, 2014, p. 77).

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2014). *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Alsina, M. R. (2009). *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes.
- Bakhtin, M. (2002). *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. São Paulo: Annablume/Hucitec.
- Barthes, R. (1999). *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (2010). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Bergson, H. (2006). *Materia y memoria: Ensayo sobre la relación del cuerpo con el espíritu*. Buenos Aires: Cactus.
- Bloch, M. (2001). *Apologia da história: Ou ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Borges, R. (2013). *Jornalismo literário: Teoria e análise*. Florianópolis: Insular.
- Bulhões, M. (2007). *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática.
- Castro, G. de. (2010). *Jornalismo literário: Uma introdução*. Brasília: UnB/Casa das Musas.

Castro, R. (1992). *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras.

Castro, R. (1995). *Estrela solitária*. São Paulo: Companhia das Letras.

Certeau, M. de. (2017). *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Chillón, L.-A. (1993). *Literatura i periodisme*. Valencia: Universitat de Valencia.

Cumming, D. (2014). "Just as I am"? Marshall Frady's making of *Billy Graham*. *Literary Journalism Studies*, 6 (2) pp. 74-98. Recuperado de ialjs.org/wp-content/uploads/2014/12/075-099-LJS_v6n2.pdf.

Dosse, F. (2009). *O desafio biográfico: Escrever uma vida*. São Paulo: Edusp.

Foucault, M. (2007). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Gadamer, H.-G. (2008). *Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes.

Gomes, W. (2009). *Jornalismo, conhecimento e objetividade: Além do espelho e das construções*. Florianópolis: Insular.

Leman, N. (2015). The journalism in literary journalism. *Literary Journalism Studies*, 7 (2) pp.50-59. Recuperado de ialjs.org/wp-content/uploads/2016/01/052-061-LJS_v7n2.pdf.

Lima, E. P. (1995). *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: Unicamp.

Lima, L. C. (2006). *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.

Llosa, M. V. (2004). *A verdade das mentiras*. São Paulo: Arx.

Iser, W. (2013). *O fictício e o imaginário: Perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: UERJ.

Martinez, M. (2016). *Jornalismo literário: Tradição e inovação*. Florianópolis: Insular.

Martínez, T. E. (2006). *La otra realidad: Antología*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Morais, F. (2011). *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Masforrol, A. C. (2012) ¿Como se escribe una biografía? *RACO: Unidad de Estudios Biográficos*, 1 (1), pp.39-45. Recuperado de www.raco.org.

cat/index.php/rubrica/article/viewFile/286946/375156.

Neto, L. (2007). *Maysa: Só numa multidão de amores*. São Paulo: Globo.

Neto, L. (2009). *Padre Cícero: Poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras.

Neto, L. (2012). *Getúlio: 1882-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

Neto, L. (2013). *Getúlio: 1930-1945*. São Paulo: Companhia das Letras.

Neto, L. (2014). *Getúlio: 1945-1954*. São Paulo: Companhia das Letras.

Novais, F. A. & Silva, R. F. Da (2011). *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify.

Olinto, A. (2008). *Jornalismo e literatura*. Porto Alegre: JA Editora.

Pena, F. (2008). *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto.

Ponte, C. (2005). *Para entender as notícias: Linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular.

Realí Jr. (2007). *Às margens do Sena*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp.

Ricoeur, P. (2012). *Tempo e narrativa: Vol. 1. A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Martins Fontes.

Ricoeur, P. (2014). *O si-mesmo como outro*. São Paulo: Martins Fontes.

Rüssen, J. (2005). *History: Narration, interpretation, orientation*. New York/Oxford, Berghahn Books.

Sims, N. (2009). The problem and the promise of Literary Journalism Studies. *Literary Journalism Studies*, 1 (1) pp. 7-16. Recuperado de ialjs.org/wp-content/uploads/2009/05/7-16-sims.pdf.

Sodre, M. (2009). *A narração do fato: Notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes,.

Swindells, J. (2013). *The uses of autobiography*. New York/ London: Routledge.

Todorov, T. (2003). *Poética da prosa*. São Paulo: Martins Fontes.

Tuchman, G. (1999). A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In, N. Traquina (Org.), *Jornalismo: Questões, teorias e "estórias"* (pp. 74-90). Lisboa: Vega.

- Verón, E. (2004). *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos.
- Vilas Boas, S. (2002). *Biografias & biógrafos: Jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus.
- Vilas Boas, S. (2008). *Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Unesp.
- Wainer, S. (2005). *Minha razão de viver: Autobiografia*. São Paulo: Planeta.
- Walters, P. (2017). Ted Conover and the origins of immersion in literary journalism. *Literary Journalism Studies*, 9 (1) pp. 8-33. Recuperado de ialjs.org/wp-content/uploads/2017/07/01-Walters-8-33.pdf.
- White, H. (2001). *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp.
- Wilson, C. P. (2014) Finding Emma Larkin. *Literary Journalism Studies*, 6 (2) pp. 49-72. Recuperado de ialjs.org/wp-content/uploads/2014/12/049-073-LJS_v6n2.pdf.
- Wolfe, T. (2005). *Radical chic e o novo jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rogério Pereira Borges possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutorado em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professor-adjunto TI na Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Autor dos livros *Jornalismo Literário: Teoria e Análise* (Insular, 2013) e *Caminhos da Reportagem* (Cânone, 2009). Repórter especial do jornal *O Popular* (Goiânia). E-mail: rogeriopereiraborges@hotmail.com

RECEBIDO EM: 30/05/2018 | ACEITO EM: 30/08/2018